

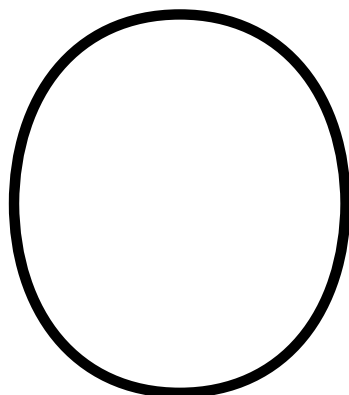
| literatura |

# LÍNGUA MADRASTA



# EXÍLIOS FORÇADOS, PAIXÕES, AVENTURAS E OUTRAS QUESTÕES LEVARAM AUTORES A ESCREVER LIVROS EM IDIOMAS QUE NÃO O DE SUAS PÁTRIAS-MÃES, RESULTANDO, EM ALGUNS CASOS, EM UMA LITERATURA QUE TENDE A SE REDESCOBRIR JUNTO A QUEM A FAZ

POR JR. BELLÉ  
ILUSTRAÇÕES MAURICIO PLANEL



que Vladimir Nabokov, Franz Kafka, Joseph Conrad, Aleksandar Hemon e Vassilis Alexakis têm em comum? Além de serem grandes escritores, todos adotaram um idioma estrangeiro para produzir suas obras. É um complexo de Édipo literário

às avessas, o que não significa, imperativamente, que renegaram a língua mãe e se tornaram órfãos idiomáticos: há quem simplesmente tenha se apaixonado por outra língua (quem nunca?); alguns se viram forçados ao exílio por distúrbios políticos ou religiosos; outros são apenas sinceros aventureiros; e existem aqueles que emigraram por conta da força violenta do pós-colonialismo e da globalização, capazes de dissolver fronteiras idiomáticas com a mesma eficiência com que rompem as aduanas comerciais (e a mesma ineficiência com que abrem as alfândegas do primeiro mundo a nós, “subdesenvolvidos”, aos pobres retirantes e aos refugiados de ontem e de hoje).

Os acadêmicos costumam chamá-los de “migrantes linguístico-literários”. Existem também os “transeuntes linguístico-literários”: o argentino Jorge Luis Borges escreveu dois de seus mais lindos poemas em inglês, em *Two English Poems*; Fernando Pessoa escreveu 35 *Sonnets* e *Trois chansons mortes*, respectivamente em inglês e francês; o chinês Ha Jin venceu o National Book Awards dos Estados Unidos com seu segundo romance em inglês, *Waiting*, para citar apenas alguns exemplos.

A escritora búlgara Kapka Kassabova se encaixa no grupo que migrou por conta de eventos políticos devasta-

dores. Ela nasceu em Sofia no ano de 1973 e ainda adolescente se viu forçada a deixar o leste europeu com sua família e rumar para a Nova Zelândia. “O começo dos anos 1990 foram terríveis na Bulgária: pobreza, desemprego, cortes de energia e água, escassez, emigração em massa e desilusão.” Naquele momento, o mundo colapsava por conta do fim da guerra fria, e os países da cortina de ferro eram os mais afetados: “Quando o muro de Berlim caiu, minha geração se tornou adulta. Éramos as últimas crianças da Europa comunista. Eu tinha apenas 16 anos quando tudo isso aconteceu, e foi nesse momento que comecei a aprender inglês. Meu primeiro livro de poesia e minha primeira novela saíram anos depois, na Nova Zelândia”. Desde então, ela sempre escreveu em inglês e o mais próximo que chegou do búlgaro foi nos esforços de tradução de seus próprios livros, e dos autores contemporâneos de seu país natal: “Acho que um escritor sempre escreve na língua em que mais lê e, em menor medida, no idioma do país em que vive – nos últimos 25 anos, o inglês tem preenchido esses dois requisitos para mim”.

Segundo Kapka, o mais doloroso nessa emigração idiomática é o período de autossilenciamento, quando o escritor se perde da literatura da sua língua mãe e então percebe que não há volta. “Mas nesse momento ainda estamos mudos na nova literatura, no novo idioma, e o futuro é imprevisível. Essa é a realidade de muitos emigrantes e exilados, e ser um escritor, nesse caso, é apenas uma versão mais simples e mais apurada deste hiato, deste antes e depois.”

Ainda que geograficamente distante da Bulgária, ela continua lendo e acompanhando de perto os novos escritores de seu país natal – entre os quais destaca Elena Alexieva, Theodora Dimova, Georgi Gospodinov, Deyan Enev e Kerana Angelova: “Nunca se perde o amor pela língua mãe, e há para mim um prazer muito especial em



ler a literatura búlgara”. Não à toa, ter uma segunda língua é uma espécie de dupla fuga para Kapka: o novo idioma a tira de si mesma e a joga em lugares que ela nem sequer imaginava que pudessem existir. “Mesmo o ato de traduzir é uma viagem para paisagens imprevisíveis a todo momento. Mas não traduzo, vivo imersa em duas línguas diferentes. Isso implica num movimento constante de saltar por fronteiras invisíveis de identidade e significado.”

### O INGLÊS DAS MASSAS

É claro que nem todas as emigrações são tão violentas e há inúmeros casos de adoções idiomáticas voluntárias. Foi o que aconteceu com a escritora Bruna Brito, ou melhor, Lilian Carmine, nome que escolheu para assinar seus romances produzidos em inglês. A princípio, a opção por um pseudônimo serviu para salvaguardar seu já sólido trabalho como artista visual e ilustradora; afinal, ela estava escrevendo romances juvenis – ou como o mercado gosta de chamá-los: new adult. Mas seu primeiro livro, *Lost Boys*, publicado na plataforma Wattpad – uma espécie de rede social de livros digitais –, se tornou rapidamente um sucesso, atingindo mais de 32 milhões de visualizações, o recorde de 2012.

“Fui inspirada por tantos autores que estavam mostrando seus trabalhos na plataforma! Então, resolvi publicar uma história de minha autoria, e foi natural para mim começar a escrever em inglês. É claro, essa decisão também significava a possibilidade de ser lida por muito mais pessoas, do mundo todo.” Entre as leitoras estava uma editora da Random House britânica, uma das mais poderosas editoras do planeta, que em seguida entrou em contato com Bruna perguntando se ela poderia dar uma passadinha por lá, para um possível contrato de publicação. “Eu ri, dizendo a ela que seria um pouco complicado para mim, já que, no momento estava morando no Brasil. Felizmente, temos telefone e Skype e tudo foi resolvido.” Bruna, ou melhor, Lilian Carmine, assinou o contrato e assim se tornou uma das poucas autoras nacionais a iniciar a carreira literária internacionalmente, para só depois ser traduzida e publicada no Brasil.

O fato é que a escritora já tinha em mãos todas as ferramentas narrativas necessárias, pois costuma ler com frequência em inglês e sente-se confortável em meio às expressões anglo-saxônicas. Dessa forma, ela foi capaz de desenvolver suas próprias histórias com incrível precisão, evitando estrangeirismos e incluindo gírias e traquejos próprios de além-mar. “A maior parte dos meus leitores acha que sou norte-americana.” No momento, ela está escrevendo, e traduzindo quase simultaneamente para o português, seu novo livro, *Bad Luck (Sorte no azar)*, que

pretende lançar em 2017: “Na verdade, tenho mais facilidade para escrever em inglês, acabo perdendo muito mais tempo na versão em português”.

### LITERATURA COMO TURISMO

Diferentemente de Bruna, que se aventurou na língua inglesa mesmo vivendo em solo brasileiro, grande parte dos migrantes linguístico-literários é seduzida por outro idioma após viagens marcantes, pelo imperativo de uma mudança definitiva, ou de longa duração, para um país estrangeiro. É possível ler as marcas deixadas pela saudade do Chile nos poemas de Pablo Neruda durante as temporadas que passou distante, trabalhando como diplomata. É o mesmo caso de nosso João Cabral de Melo Neto, que escreveu inúmeros poemas para a cidade de Sevilha, para Andaluzia, Marselha, para o Senegal, para Quito e as cordilheiras em seu caminho. Em suma, para todas as cidades, nações, lugares e regiões onde viveu.

A influência que essas diversidades de paisagens, cheiros, gentes, fronteiras e distâncias tiveram na poesia de João Cabral pode ser lida no recém-lançado *A literatura como turismo* (Alfaguara). O livro, organizado e comentado por Inez Cabral, filha do poeta, empresta o título de um de seus versos mais conhecidos, cujo o último trecho é exemplar: “Até o ponto em que ler ser lido / é já impossível de mapear-se/ se lê ou se habita Alberti? / Se habita ou soletra Cádiz?”. Ao compilar a obra, Inez tinha como intuito manter João Cabral presente nas livrarias, para que ele não acabe apenas nas prateleiras de bibliotecas e sebos empoeirados. “Como diplomata, ele conheceu muitos lugares. Ao contar as minhas lembranças, queria mostrar também que ele era um homem, um pai como os outros, de carne e osso, apesar de ser poeta.” Apesar das andanças e vivências, João Cabral jamais publicou um poema em outro idioma que não o português, da mesma forma que nunca perdeu o sotaque pernambucano. “Mas ele tem um poema que eu adoro, que se chama *Crime na calle Relator* que até comentei com ele que parecia escrito em andaluz. Como se um cigano escrevesse em português, não sei se me faço entender. Ele sorriu e desconversou.”

### NINGUÉM SAI ILESO DE UM TANGO EM BUENOS AIRES

Juliana Frank não é diplomata como Neruda e João Cabral – quem sabe seja uma adida de seus próprios devaneios em territórios imemoráveis. Mas há cerca de quatro anos, quando ela havia acabado de publicar seu segundo livro, *Meu coração de pedra-pomes*, recebeu o convite para participar de uma feira literária em Buenos Aires. “Estudei Cortázar desde muito nova, ele é meu



guia. Todo escritor tem um guia, mesmo involuntariamente, ele nos persegue. O fato é que, chegando lá, eu tive uma epifania: percebi que aquele lugar, inclusive pela linguagem, era um lugar para mim. Mas na época eu não falava nada de espanhol.”

Juliana foi desbravando o novo idioma, os novos costumes, os códigos sociais e as pessoas. “O primeiro lugar em que morei foi San Telmo [bairro de], onde tem muito imigrante, então fui conhecendo muita gente, especialmente do teatro e da arte, e me relacionando com todos. Aos poucos, fui criando um portunhol selvagem muito meu.” Encantada pelo clima portenho e seduzida por um latin lover, Juliana mudou-se com seu companheiro para uma região mais provinciana, a oeste do país, antes de retornar à capital. “Foi lá que me tornei uma *canchera* [quando alguém é muito hábil em algo, tem experiência], aprendi a xingar e assim falar daquele jeito. Porque o espanhol da província é muito diferente.”

Nessa Argentina de regiões tão dessemelhantes, Juliana leu, estudou e escreveu compulsivamente. Enquanto o Brasil é munido desse maravilhoso e perigoso ingrediente chamado alegria, sempre tão solar e marítimo e providencial para preencher nossas lacunas humanas, Buenos Aires exige que a imaginação, a observação e as relações íntimas de amor e camaradagem assumam esse papel. “Tive

um problema idiomático lá, comecei a frequentar cursos de psicanálise para entender isso, relacionar com meus estudos do Cortázar e com as questões do inconsciente. Buenos Aires tem um tempo dilatado, é muito frio e as coisas são mais intensas, dá para notar pelo tango. Meus materiais novos são completamente diferentes, por conta da Argentina e do espanhol. Ainda estou organizando isso e pretendo publicar daqui a algum tempo.”

Um dos inéditos ainda em fase de depuração é uma tetralogia, um *sex seller* que Juliana começou a produzir em terreno hermano, cuja derradeira parte é toda escrita nas duas línguas. “Comecei a me organizar melhor por causa do espanhol, a ser mais objetiva. Porque o português é uma língua que beira a hipocrisia, você fala sem falar. A gente tem uma esquizofrenia coletiva que funciona. No espanhol, não, é tudo explicado.” Apesar de já ter retornado a São Paulo, a experiência portenha deixou belas cicatrizes na memória e na literatura da autora: “Penso muito em espanhol e falo melhor em espanhol. É uma questão idiomática psicanalítica óbvia, porque sua língua te traz muito trauma, como uma mãe. Quando você aprende uma língua nova, tudo isso é renovado. Assim, prefiro falar em espanhol, porque ele não me reativa nada além de experiências românticas e literárias”. ●